

HISTÓRIA, MEMÓRIA E DISTÂNCIA: UM ESTUDO DO TESTEMUNHO DE PRIMO LEVI SOBRE OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO¹

Deiver Barros da Silva²

deiverbarros@hotmail.com

Faculdade de História / Campus II-UFG

Fernanda Linhares Pereira³

fernandalinharespereira@gmail.com

Faculdade de História / Campus II-UFG

RESUMO

Esse texto pretende abordar a obra: *Os afogados e os sobreviventes*, a partir das reflexões de Paul Ricoeur na obra: *A memória, a história, o esquecimento*, tomando-se como diretriz as perguntas: O que? Como? E quem lembra? Objetiva-se discutir acerca de alguns aspectos que marcam a passagem daquilo que se lembra para a escrita, cujas implicações exigem o reconhecimento da distância entre o vivido, o lembrado e o narrado. Acredita-se que no interior do tratamento da literatura de testemunho como fonte histórica deve haver uma reflexão que considera a relação conflituosa presente nas distinções entre aquilo que o que se lembra, narra e se configura na escrita.

Palavras-chave: História, Memória, Distância, Primo Levi, Paul Ricoeur.

¹ Este texto originou-se a partir das reflexões desenvolvidas na disciplina de Núcleo Livre: *História, memória e historiografia*, ministrada pelo Prof. Dr. Noé Freire Sandes, Adjunto da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás.

² Graduando em História, pela Universidade Federal de Goiás, atualmente desenvolve pesquisa na área de história contemporânea, sob orientação da Prof. Dr. Fabiana Fredrigo de Souza, adjunta da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, intitulada: *História, memória e testemunho: Uma análise sobre as paixões políticas no século XX*.

³ Graduanda em História, pela Universidade Federal de Goiás; graduanda em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, atualmente desenvolve pesquisa na área de história contemporânea, sob orientação da Prof. Dr. Fabiana Fredrigo de Souza, adjunta da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, intitulada: *História, memória e testemunho: Uma análise sobre as paixões políticas no século XX*.

ABSTRACT

This text analyzes the work: *The Drowned and the survivors* from the reflections on the work of Paul Ricoeur: *Memory, history, forgetting*, taking as guideline questions: What? How? And who remembers? The objective is to discuss about some aspects that mark the passage from what you remember for writing, the implications of which require recognition of the distance between the lived, remembered and narrated. It is believed that within the treatment of literature as a historical source of testimony should be a reflection that considers the conflicting relationship present in the distinctions between what he remembers, recounts and configures itself in writing.

Keywords: History, Memory, Distance, Primo Levi, Paul Ricoeur.

“... Não, é impossível; é impossível transmitir a sensação vivida de a qualquer momento dado da nossa existência – daquilo que constitui a sua verdade, seu sentido – a sua essência sutil e penetrante. É impossível. Vivemos como sonhamos – sozinhos...” (CONRAD, 2008, p.46) ¹

INTRODUÇÃO

O presente estudo, objetiva analisar na obra: *Os afogados e os sobreviventes* de Primo Levi, o testemunho referente aos acontecimentos narrados sobre o campo de concentração situado em Auschwitz, no qual ele foi prisioneiro e sobrevivente. Essa abordagem tem como diretriz algumas reflexões presentes na obra: *A memória, a história, o esquecimento*, de Paul Ricoeur, levando em consideração as perguntas: O que? Como? E quem lembra? Busca-se discutir acerca dos fatores que implicam na recordação dos sobreviventes, bem como, as transformações que a memória sofre no decurso temporal; o processo em que ocorre a incorporação de elementos do presente, que nas palavras do autor seriam responsáveis por gerar uma “desmemória”. Por fim, pretende-se apontar diante das dificuldades desse tipo de recordação, os elementos que permitem uma busca bem sucedida, que nas palavras de Ricoeur constitui uma “memória feliz” (2007).

No século XX, com os acontecimentos sem precedentes do pós-guerra, houve o aparecimento massivo de testemunhos², destacam-se os relatos de Levi, ao escrever: *É*

¹ Essa epígrafe foi retirada da obra: *Coração das trevas* de Joseph Conrad (2008).

² Cuesta Bustilo, em seu texto: *La memoria del horror, después de la II Guerra Mundial* considera que: “La experiencia de los campos de concentración, en particular, há puesto de relieve como las vivencias, cuando son especialmente traumáticas, pueden arrastrar a la necesidad del recuerdo, en unos casos La experiencia de los campos de concentración, en particular, ha puesto de relieve como las vivencias, cuando son especialmente traumáticas, pueden arrastrar a la necesidad del recuerdo, en unos casos, o a la necesidad del silencio en otros. Primo Levi y Jorge Semprún Ilustran cada una de estas posiciones, como lo recordaba este último en la presentación de su libro *La escritura o la vida*. Al recuerdo como imperativo

isto um homem em 1947, e *Os afogados e os Sobreviventes* em 1986; os testemunhos do julgamento em Nuremberg (1946-1947); do Eichmann em Jerusalém (1961) e outras produções cinematográficas, como: *Shoah* de Claude Lanzmann, produzida em 1985. Foi a partir da divulgação desses testemunhos, que surgiram mobilizações internacionais, em favor dos Direitos Humanos, e contra os crimes cometidos nos *Lager*. Particularmente com a instituição do Tribunal de Nuremberg e de outros tribunais de desnazificação o sentimento de repulsa a essas atrocidades foi fortalecido, e o imperativo de que Auschwitz “nunca mais” deve se repetir foi endossado. Essa mesma preocupação, já foi expressa por Adorno (1995), em seu escrito: *Educação após Auschwitz*, ao considerar a necessidade desse imperativo no processo de formação do indivíduo. Do mesmo modo, Levi questiona: “em que medida o mundo concentracionário morreu e não retornará mais, como a escravidão ou o código de duelos? Em que medida retornou ou está retornando?” (2004, p. 17). Nesse sentido, a obra: *Os afogados e os sobreviventes* de Levi atende a emergência de se pensar sobre a possibilidade de retorno do “mundo concentracionário”, diante dos acontecimentos que o próprio autor faz referência e que constituíam o momento presente de sua escrita, como: os conflitos do Camboja, a guerra no Vietnã, às tensões entre o Irã e Iraque e os desaparecidos na Argentina. A fim de obter respostas sobre as questões acima elencadas, o narrador se propõe a entender o que foi o campo de concentração?

MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO

O testemunho de Levi traz como componentes a impossibilidade de narrar o trauma em sua literalidade, bem como, a necessidade primordial de credibilidade do sobrevivente em relação a quem a narrativa é direcionada. A “resistência à representação” (RICOEUR, 2007), consiste na fragmentação da experiência na condição de estilhaços que compõem as recordações individuais dos sobreviventes. De acordo com Seligmann, essa fragmentação implica no travamento da simbolização, uma vez que, a experiência fracionada resiste à universalidade da linguagem no momento da narração; assim, o testemunho é a hibridização que comporta a “literalidade traumática” e a “literatura imaginativa” (SELIGMANN-SILVA, 2008). Segundo esse mesmo autor, o

responden los tempranos escritos de Primo Levi tras la experiencia concentracionaria mientras J. Semprún disecciona diferentes etapas de a necesidad del recuerdo en el eje de la temporalidad de una vida.” (BUSTILO, p. 84, 1998)

sobrevivente encontrou no trabalho de imaginação uma forma de superação dos muros do campo, como meio de aceitabilidade da narração do trauma¹.

A preocupação quanto à rejeição da narrativa aparece no testemunho de Levi ao relatar os sonhos comuns que assolavam os prisioneiros, os quais, ao tentarem narrar as recordações, por mais precária e absurda que fosse sua experiência sobre o campo, encontravam-se na condição de não serem ouvidos² (LEVI, 2004). A questão que se apresentava era o temor do descrédito gerado pelo próprio absurdo dos acontecimentos e pelo apagamento dos rastros. Primo Levi, exercendo sua função como sobrevivente de Auschwitz, traz em seu testemunho as declarações dos soldados da SS.

Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos Lager. (LEVI, 2004, p.9)

Essas declarações não se efetivaram, os testemunhos foram aceitos e reconhecidos, tornando-se não só a forma encontrada pelos sobreviventes de lidarem com o trauma, mas também instrumento de luta contra as atrocidades sofridas nos campos de concentração. Ser testemunha motivou a sobrevivência de muitos judeus nos campos, pois os soldados declaravam que, por não haver vestígios dos extermínios, ninguém acreditaria que algo tão bárbaro pudesse ter ocorrido.

Os nazistas tinham evitado qualquer denominação precisa, contentando-se com o termo vago de “solução final”, fundando o sistema concentracionário sobre o segredo e fazendo-se de tudo para eliminar quaisquer traços e vestígios, mas, por outro lado, impossibilitando a conspiração do esquecimento. (PROST; VINCENT, 1992, p. 222)

Na condição de sobrevivente de Auschwitz, Levi coloca-se como uma testemunha que dispunha de um ponto de observação capaz de vislumbrar melhor a

¹ Seligmann, em seu artigo: *Narrar o trauma – a questão dos Testemunhos de catástrofes históricas* (2008) ressaltou a importância de narrar o trauma como forma terapêutica de superação daquele. Esse impedimento constitui o que, nas palavras de Ricoeur (2007), define-se como uma “memória ferida” ou “impedida”, a qual resulta de um trauma sofrido. Este encontra no contato com o terceiro uma forma de trabalho de luto.

² Kosselack, em sua obra: *Futuro Passado* assemelha os sonhos dos campos concentracionários aos sonhos kafkianos, trata-os como sonhos no terror e sonhos de terror, não sendo a representação das atrocidades sofridas, mas sim formas de realização das mesmas. Segundo o autor “nos campos o verdadeiro terror não podia ser sonhado a fantasia era superada pela realidade” (2006).

ambiência desse campo. Nas palavras de Giorgio Agamben, “as testemunhas não são nem os mortos, nem os sobreviventes nem os submersos nem os salvos, mas o que resta entre eles”. (AGAMBEN, 2000)

Numa distância de anos, hoje se pode bem afirmar que a história dos Lager foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam seu fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão. (LEVI, 2004, P. 14)

A condição de privilegiado de Levi impedia uma maior proximidade com os acontecimentos, uma vez que, os não privilegiados por estarem sujeitos ao sofrimento, violência e “carências de todos os minutos” (2004), viam-se impedidos de narrar os fatos. A narrativa sobre os campos, escrita pelos sobreviventes, que foi e está sendo feita, enfrenta a impossibilidade de representar a experiência inenarrável do horror. (GAGNEBIN, 2006).

O processo de passagem da memória, pronta para a narração, ao testemunho, expressa tanto a dimensão de posicionalidade da lembrança e do rastro no passado, quanto o sujeito como ator de suas lembranças em uma linguagem comum entre locutor e receptor. É esclarecedora a forma como Levi se atenta à passagem da memória declarativa¹ ao testemunho, as implicações no processo de escrita, a necessidade de se fazer compreender e apresentar com clareza a rede de relações que se formava em Auschwitz:

Em suma, somos obrigados a reduzir o cognoscível a um esquema: tendem a este objetivo os admiráveis instrumentos que construímos no curso da evolução e são específicos do gênero humano, a linguagem e o pensamento conceitual. (LEVI, 2004, p. 31)

O testemunho de Levi situa-se no processo de mudança da memória declarada para a esfera pública que instaura uma relação dialogal entre “aquele que lembra” e narra suas lembranças e “aquele que ouve”, recebe e acredita na narração. (RICOEUR, 2007). Segundo Ricoeur a marca característica do testemunho resulta da união entre a afirmação da realidade factual a ser relatada e da certificação pela experiência do

¹ As fases da memória declarativa, em sua dimensão oral e narrativa; também a passagem dessa ao testemunho e posteriormente para o arquivo podem ser melhor visualizadas no capítulo: *Memória Pessoal, Memória Coletiva*; na obra: *A memória, a história, o esquecimento* de Paul Ricoeur (2007).

narrador no local onde determinado fato ocorreu¹. Da junção entre afirmação da realidade factual da “coisa passada” e da autodesignação, resulta a especificidade do testemunho. Esse procedimento envolve o valor fiduciário da memória e autenticidade da testemunha², sendo que, a testemunha é inseparável do fato que vivenciou. O texto adquire sentido ao entrar em contato com leitor, sendo direcionado e apropriado por este, (REIS, 2006) tendo como uma de suas funções o estabelecimento de pontes, retirando o narrador do campo da “outridade”; através da transposição do isolamento dos *Lager*, tornando possível a conciliação entre o mundo do narrador e o do leitor³. (SELIGMANN-SILVA, 2008)

No decorrer da obra: *Os afogados e os sobreviventes*, o autor busca analisar as recordações traumáticas acerca dos campos, apontando as implicações envolvidas nesse processo, decorrentes da ação do tempo sobre as lembranças. Segundo Levi, embora o deslocamento do tempo tenha tornado esclarecedor os acontecimentos, o mesmo é responsável por gerar uma desfocalização das lembranças. Para ele, a verdade sobre os campos só se tornou possível com um desdobramento de quarenta anos, posto que, muitos elementos sobre os *Lager* exigiram uma análise impossível em seu tempo. No momento concernente ao fim da Guerra, não era possível recorrer a dados quantitativos sobre o número de mortos e a extensão do que viria a se tornar a “mancha do século XX”. (LEVI, 2004, p. 15-16) Se por um lado o deslocamento no tempo permitiu uma avaliação da repercussão dos acontecimentos, por outro, a ação do tempo havia gerado sobre as lembranças dos sobreviventes, influências de notícias tardias; outras leituras e narrações acerca dos acontecimentos; responsáveis por causarem uma “desmemória”. Desse modo, o autor leva em consideração as fragilidades da memória, diante da ação do tempo, presente no testemunho; justificando assim a frase inicial do primeiro capítulo: “A memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz.” (2004, p.19).

¹ A factualidade afirmada traz consigo a marca da anterioridade traça uma fronteira entre realidade e ficção. No entanto, a questão colocada quanto à autenticidade do testemunho como garantia de que algo ocorreu, requer ainda o confronto entre testemunhas. (RICOEUR, 2007, p.173)

² Segundo Ricoeur a autenticação do testemunho se completa no momento em que ocorre a resposta do receptor, ao receber o testemunho e o aceitar, sendo este não apenas “autenticado”, mas também “acreditado”. (2007)

³ São significativas as reflexões de Ricoeur acerca da relação dialogal que é estabelecida através da autodesignação, uma vez que o narrador não afirma somente a atestação da realidade, mas também busca a confiabilidade do leitor ou ouvinte: “É diante de alguém que a testemunha atesta a realidade de uma cena à qual diz ter assistido, eventualmente como ator ou como vítima, mas, no momento do testemunho, na posição de um terceiro com relação a todos os protagonistas da ação. Essa estrutura dialogal do testemunho ressalta de imediato a dimensão fiduciária: a testemunha pede que lhe deem crédito”. (Ricoeur, 2007, p.173)

Isso posto, cabe perguntar o que torna a memória esse instrumento maravilhoso? Uma abordagem do ponto de vista das “capacidades”, poderia ser esclarecedor. Embora sofra a ação do tempo, como ressalta Ricoeur, não dispomos de outro recurso que permita dizer que algo aconteceu, e que é do passado. (2007, p.40) O próprio Levi, afirma que: “o material mais consistente para a reconstrução da verdade sobre os campos seja constituído pelas memórias dos sobreviventes.” (2004, p.13).

A memória se constitui como elemento fundamental de organização do pensamento na duração, sendo por meio dela que dispomos dos elementos orientadores da ação enquanto atores históricos. (RÜSEN, 2011) Não se trata de negar os deslocamentos que a memória está sujeita cuja correspondência é a perda das “cores originais” (SANDES, 2009) ou a vivacidade das tonalidades que compõe a lembrança, nem tampouco, retirar da recordação o que vem a ser uma “memória impedida”. (RICOEUR, 2007)

Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também fragilidade da memória e do rastro. (GAGNEBIN, 2006, p.44).

Na condição de sobrevivente, Levi apresenta a preocupação e o compromisso de responder ao seu tempo no que se refere à possibilidade de retorno das atrocidades cometidas no campo, situadas no passado. A pergunta que move toda sua reflexão importava-se em questionar, em que medida, o passado concentracionário passou e não retornaria. O esforço do autor concentra-se em apresentar as relações que se estabeleciam no campo, a necessidade de compreendê-las para além da dicotomia entre algoz e vítima, assim como, a complexidade que constituía o espaço em que o narrador estava presente, levando a defini-lo como uma zona carregada de ambiguidade: uma “zona cinzenta”¹. (LEVI, 2004, p. 31-32)

No segundo capítulo de sua obra, sob o título: *A zona cinzenta*, Levi aponta o modo como os que liam, ou escreviam a história dos *Lager*, apresentavam a tendência de

¹ Em relação a esse debate, Hannah Arendt, que à época do julgamento do Eichmann, trabalhava como correspondente do New York Times oferece uma importante contribuição ao pensar acerca da banalidade do mal: “Será que a natureza da atividade de pensar, o hábito de examinar, refletir sobre qualquer acontecimento, poderia condicionar as pessoas a não fazer o mal? Estará entre os atributos da atividade do pensar, em sua natureza intrínseca, a possibilidade de evitar que se faça o mal? Ou será que podemos detectar uma das expressões do mal, qual seja o mal banal como fruto do não exercício do pensar?”. (ARENDR, 1999)

estabelecer oposições entre “bons” e “maus”, responsáveis por gerarem simplificações dos fenômenos históricos. O autor indica a necessidade de se explorar o espaço que separava tal polarização, que segundo ele não era vazio (LEVI, 2004). É nesse sentido, que o narrador se propõe compreender a zona ambígua a qual constituía o campo de concentração e que, de modo nenhum poderia ser explicada através da tendência maniqueísta que evitava a complexidade.

O narrador responde o que foi o *Lager* definindo-o como uma região estratificada, um microcosmo carregado de ambiguidade. Nessa zona, não há nem pretos nem brancos, nem inocentes nem culpados; há homens híbridos, que ofuscados pelo poder e pelos privilégios, cuja garantia era permanecer vivo por mais um dia, se sujeitaram aos mais variados “serviços”¹ dentro dos campos, o que acabou por colocá-los na condição tanto de vítima quanto de algoz. (LEVI, 2004)

Ao recordar de sua atuação como colaborador com a autoridade concentracionária, o autor afirma, no entanto, que não pode ser considerado um algoz, mas vítima de um sistema “desumano”² que corrompia até mesmo os prisioneiros. Dessa forma, o narrador, não se recorda somente dos acontecimentos passados, como também de sua ação enquanto ator histórico, como participante dos eventos narrados. Esse fato corresponde não só a recordação do “que”, mas também da “minhadade” das lembranças, uma vez que: “Ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si” (RICOEUR, 2007, p.107).

O pensador italiano, Giorgio Agamben, considera que a “zona cinzenta” pode ser mais bem entendida, a partir da cena narrada pelo médico sobrevivente Nyiszli, na qual houve uma partida de futebol realizada entre SS (guardas nazistas dos fornos crematórios) e SK (*Sonderkommando*: Esquadrão Especial composto por judeus privilegiados). Esses indivíduos cinzentos se encontravam na mesma condição de hibridização, e a partida, ao invés de, se referir a “uma breve pausa de humanidade em meio ao horror infinito. Aos meus olhos, porém, como aos das testemunhas, tal partida,

¹ O próprio Levi afirma ter sido um privilegiado ao desempenhar funções de químico no *Lager*. Na mesma direção, Tony Judt afirma que Levi “sobreviveu em Auschwitz graças à boa saúde (até o fim, quando sua doença fortuita o manteve na enfermaria, distante da marcha final da morte), a conhecimentos de alemão, à qualificação como químico que lhe garantiu trabalho em recinto fechado no inverno final, e à boa sorte.” (JUDT, 2010, p.71)

² Ao contrário do caráter desumano do sistema concentracionário ressaltado por Levi, Roudinesco enfatiza que as atrocidades cometidas pelos nazistas não resultou de um processo de desumanização, mas se encontravam dentro das possibilidades das ações humanas. (ROUDINESCO, 2008)

tal momento de normalidade, é o verdadeiro horror do campo”. (AGAMBEN, 2000, p. 35).

Segundo Levi, a linha que separa o inimigo e o companheiro era marcada pelo absurdo, mas ainda possível de ser compreendida. Vincent e Prost apontam no mesmo sentido, ao afirmarem que a natureza da “colônia penal” – título de uma das obras kafkianas, e aludido pelos autores como sinônimo dos campos de concentração – era ser uma sociedade hierarquizada. (1992, P. 226). Segundo eles a tênue possibilidade de sobrevivência dependia da capacidade de compreensão do funcionamento do sistema concentracionário, uma vez que, era necessário competir com os companheiros de campo, colaborando assim com o sistema concentracionário. Desse modo, escolher pela própria vida significava eliminar outro prisioneiro menos apto, aquele que não se adaptou ao sistema, resultando no sentimento de culpa, denominado “síndrome do sobrevivente”. (PROST; VINCENT, p. 227) Desse modo, Levi recorre as suas lembranças, objetivando explorar as ambíguas relações entre os próprios prisioneiros que o leva a seguinte afirmação:

Não há prisioneiro que não o recorde, e que não recorde seu espanto de então: as primeiras ameaças, os primeiros insultos, os primeiros golpes, não vinham dos SS, mas de outros prisioneiros, de ‘colegas’, daqueles misteriosos personagens que também vestiam o mesmo uniforme de listras recém-vestido pelos novatos. (LEVI, 2004, p. 17)

A referência aos primeiros momentos que constituíam o ingresso no *Lager*, marca a recordação dos sobreviventes. As violências eram cometidas pelos próprios companheiros de cativeiro. Os insultos que acompanhavam o ingresso dos novatos no campo tinham uma lógica, embora terrível e absurda, resultava na quebra de expectativa do iniciante e da imposição de um sistema responsável por destruir a capacidade de resistência (LEVI, 2004).

A busca pelos primeiros acontecimentos passados, apontam um percurso em direção a um tempo outro, que consiste em uma dupla alteridade na representação das lembranças. É como outro, que o passado concentracionário é “re-(a) presentado” nas recordações do sobrevivente do campo, sendo que o reconhecimento do rastro marcado por um lugar no tempo, posiciona a “coisa” reconhecida que é duas vezes outra:

como ausente (diferente da presença) e como anterior (diferente do presente). E é como outra, emanando de um passado outro, que ela é reconhecida como sendo a mesma. Essa alteridade complexa apresenta por

sua vez graus que correspondem aos graus de diferenciação e de distanciamento do passado em relação ao presente. (RICOEUR, 2007, p.56)

As transformações das lembranças ressaltadas por Levi, advindas da incorporação de informações tardias, expressam diferentes graus de variação no decurso temporal. A reprodução dessas lembranças na duração aponta tanto as alterações pelas quais a memória do narrador estava sujeita, quanto à grandeza da memória efetivada por meio do reconhecimento do rastro. Os acontecimentos elencados por Levi, acerca dos campos de concentração foram rememorados na contemporaneidade do narrador, que por sua vez, não presencia aquilo que narra, pois o objeto de sua reflexão que é o ambiente concentracionário não se encontra no momento da escrita, se não por intermédio da memória. Essa distinção entre o “objeto temporal percebido” e o “reproduzido na lembrança”, indica a modificação da percepção e o distanciamento no tempo que não traz mais o “agora” da vivência e sim sua representação. (RICOEUR, 2007)

Se por um lado, Levi se recorda dos primeiros insultos, dores e golpes, trazendo com eles o rastro que os situa no passado; por outro, as dores; as injúrias; a fome em que vivenciou não é a mesma quando buscada na memória. Existe um distanciamento na duração, responsável pelo deslocamento das lembranças. As alterações que a memória sofre podem ser percebidas também como libertadoras¹. A célebre frase de Aristóteles de que: “a memória é o passado” torna-a um instrumento com a capacidade de fornecer ao sujeito o “lembrar-se sem alegria da alegria, sem tristeza da tristeza” (RICOEUR, 2007, p. 110). Da mesma forma, as lembranças de Levi, marcadas pelo ingresso no campo, trazem o golpe sem a dor do golpe, mas o rastro de que ele aconteceu.

O esforço que constitui a recordação define-se por se tratar de uma “busca feliz”, cujo momento principal é o do reconhecimento. A recordação enquanto labor traz a marca da intencionalidade da busca: “busca-se algo que é do passado”, exigindo o deslocamento para um tempo estrangeiro. O modo como Levi se remete as datas

¹ É importante ressaltar que, essa discussão não invalida o “dever de memória”. Lembrar sobre os acontecimentos referentes aos *Lager* é preciso, desde que, não se torne um abuso. De acordo com as reflexões de Gagnebin, não se trata de não esquecer o passado, e sim a existência de uma memória que permita agir sobre o presente, de modo que a fidelidade ao passado se torne um fim em si, mas que transforme o presente (2008, p.55). Nessa direção Martín Scharfe citado por Cuesta Bustillo, afirma ainda que: “A negligência é muito mais que a não memória, a memória é muito mais que o simples não esquecimento”. (1998). Ricoeur também argumenta que: “Enquanto traumatismo remete ao passado, o valor exemplar orienta para o futuro”. (2007, p. 99)

relacionadas aos acontecimentos narrados é significativo, uma vez que, organizam sua reflexão situando-o no tempo, mantendo a distância entre o vivido e o narrado:

Lembro com um certo alívio ter uma vez tentado encorajar (num momento em que me sentia capaz) um rapaz italiano recém-chegado, que se debatia no desespero sem fundo dos primeiros dias do campo: esqueci o que lhe falei, certamente palavras de esperança, talvez uma mentira adequada a um “novato”, dita com a autoridade de meus vinte e cinco anos e de meus três meses de experiência; seja como for, prestei-lhe uma atenção momentânea...Em agosto de 1944, fazia muito calor em Auschwitz. Um vento quente, tropical, levantava nuvens de pó dos edifícios arruinados pelos bombardeios aéreos, secava-nos o suor no corpo e engrossava-nos o sangue nas veias. (LEVI, 2004, p. 68)

Na memória de todos nós, sobreviventes, sofrivelmente políglotas, os primeiros dias de Lager ficaram impressos sob a forma de uma filme desfocado e frenético, cheio de som e de fúria e carente de significado: um caleidoscópio de personagens sem nome nem face, mergulhados num contínuo e ensurdecido barulho de fundo, sobre o qual, no entanto, a palavra humana não aflorava. Um filme em cinza e negro, sonoro mas não falado (LEVI, 2004, p. 81)

Os excertos acima expressam acontecimentos singulares que marcaram as lembranças de Levi, apontam a especificidade do que foi buscado e reconhecido como sendo de um tempo distinto, já que o autor se atenta não somente as datas em que os fatos aconteceram, como também os elementos impressos na memória dos sobreviventes. Ricoeur corrobora com essa reflexão, ao considerar que:

É o momento do reconhecimento, que culmina o esforço da recordação, que essa busca de verdade se declara enquanto tal. Então, sentimos e sabemos que alguma coisa se passou, que alguma coisa teve lugar, a qual nos implicou como agentes, como pacientes, como testemunhas. Chamemos de fidelidade essa busca de verdade. (2007, p. 70)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que possua as precariedades apontadas por Levi, a memória se constitui como “grandeza cognitiva” de relação com o passado; traz a recordação do anteriormente vivido, visto ou ouvido. A memória se constitui como primeira na relação com o tempo, responsável pela ordenação da consciência histórica através articulação entre passado presente e futuro. (RICOEUR, 2007; RÜSEN, 2001)

A memória lida com o pensado que é distinto do que “foi”, busca a verdade sobre algo do passado, como a presença da ausência – o rastro – que tem um caráter posicional. Corresponde a um acontecimento singular, trazendo consigo a marca da

anterioridade, do “ter sido do passado”. O esforço de busca pela verdade dos campos expressa a dificuldade do sobrevivente de negociar em tempos distintos: o “vivido” e o “lembrado. O “vivido” é irrecuperável em sua integralidade, pertence a um tempo outro, distingue-se do momento da rememoração. Já o “lembrado”, se dá no presente da busca, requer um deslocamento no tempo caracterizado por um esforço que não traz o “calor” do acontecimento, mas a presença da ausência. Desse modo, uma escrita da história comprometida com a compreensão do passado concentracionário precisa se atentar, não só para as temporalidades que se sobrepõem às experiências nas camadas do tempo, mas também deve debruçar-se sobre os limites e possibilidades do uso dos testemunhos como fonte histórica. A relação que se estabelece entre presente e passado se modifica na duração. Os acontecimentos que carecem de explicação no presente e que norteiam as questões formuladas ao passado, condicionam também o modo como esse é mobilizado. A revisitação do passado não é uma viagem desinteressada! O viajante traz sempre consigo os imperativos que tornam a viagem urgente e pertinente.

Dessa forma, uma escrita da história comprometida com a memória do holocausto, deve se atentar ao caráter posicional da lembrança, seu caráter cambiante, suas corrosões e desgastes que ocorrem ao longo do tempo; mas deve considerar a noção de que “não é o acontecimento que se busca quando se escreve um trabalho de história” (MALERBA, 2002), uma vez que, o mesmo além de irrecuperável é inatingível. O acontecimento, como sugere Malerba é um “horizonte utópico”, referencial e posicional. Isso significa afirmar uma concepção historiográfica distinta daquela que concebe o acontecimento como dado, realidade material, fato-coisa, esperando serem encontrados pelo historiador. (MALERBA, 2002) Diante desse pressuposto a leitura atenta dos testemunhos pode ser reveladora, na medida em que reflete com a ajuda dos mesmos. Se essas reflexões são válidas, maior é a sugestão dada ao historiador por Primo Levi ao iniciar a obra: *A chave estrela*, publicada em 1978.

Ah, não: tudo eu não posso contar. Ou bem lhe digo o lugar, ou então lhe conto o fato, porque é um fato e tanto. Depois se o senhor quiser mesmo recontá-lo, basta trabalhar em cima dele, retificar, esmerilar, tirar as aparas, dar uma insuflada e, pronto, aí está uma bela história; e, apesar de eu ser mais jovem que o senhor, história é o que não me falta. (LEVI, 2009, p.7)

Recebido em: 01/04/2013

Aprovado em: 09/08/2013

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hannah. *Eichman em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- CUESTA BUSTILLO, Josefina. La memoria del horror, después de la II Guerra Mundial. In: *Memoria e historia*. Madrid: Marcial Pons, 1998, p. 81-104.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- JUDT, Tony. *Reflexões sobre um século esquecido, 1901-2000*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006.
- LEVI, Primo. *A chave estrela*. Tradução: Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MALERBA, Jurandir. Pensar o acontecimento. *História Revista*, 7 (1/2), p.117-149, jan/dez, 2002.
- REIS, José Carlos. *História e Teoria. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2006.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth. As confissões de Auschwitz. In: *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p.125-162.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. da UNB, 2001.

_____. Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação de passado em história. (Trad. Arthur O. A. Assis) In: Marlon Salomon (Org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, p. 105-132 (2011)

SANDES, Noé Freire. O passado como negócio: o tempo revolucionário (1930). Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, vol. 22, n. 43, 2009

SELIGMANN-SILVA, *Narrar o trauma – a questão dos Testemunhos de catástrofes históricas*. Psic. clin., Rio de Janeiro, vol.20, n.1, p.65 – 82, 2008.